

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Pereira, Nunes. 1946. *Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e de uma obra*.
Belém, Pará, Brasil.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/pereira_1946_curt

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente livro foi digitalizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju e incluído no acervo em junho de 2008.

NOV 22 1946

NUNES PEREIRA

(Presidente do Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas)

CURT NIMUENDAJÚ

(SINTESE DE UMA VIDA E DE UMA OBRA)



CURT NIMUENDAJÚ

(SÍNTESE DE UMA VIDA E DE UMA OBRA)

NUNES PEREIRA

^{///}
(Presidente do Instituto de Etno-
grafia e Sociologia do Amazonas).

BELEM - PARA - BRASIL
1946



CURT NIMUENDAJÚ

Nasceu em Iena (Alemanha) em 11 de Abril de 1883 e morreu, no Igarapé da Rita, Estado do Amazonas (Brasil) em 10 de Dezembro de 1945



Placa inaugurada, a 20 de Julho do corrente ano, na Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, em homenagem ao etnólogo CURT NIMUENDAJÚ, por iniciativa do Comandante Braz Dias de Aguiar, Chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, Sr. J. M. Maicher, Chefe da Inspetoria Regional do Serviço de Protecção aos Índios, e Sr. Machado Coelho, Director do referido Museu.

O trabalho artístico é assinado pela escultora Carmen Sousa.

STM

O trabalho, agora dado à estampa, acerca da personalidade do etnólogo Curt Nimuendajú, foi lido, em Manáus, a 10 de janeiro do corrente ano, numa sessão conjunta do Instituto de Etnografia e Sociologia e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

E foi lido, igualmente, a 20 de junho, em Belém, ao ser inaugurada uma placa em homenagem áquele cientista, na Bibliotéca do Museu Paraense Emilio Goeldi, por iniciativa do Comandante Braz Dias de Aguiar, Chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, 1.^a Divisão, Snr. J. M. Malcher, Chefe da I. R. do Serviço de Proteção aos Indios, e Snr. Machado Coelho, Diretor do referido Museu.

Nesta homenagem a CURT NIMUENDAJÚ é claro que não poderei dar ao ambiente geográfico onde êle nasceu e áqueles onde trabalhou e morreu uma importância exclusiva, responsabilizando-os pela sua formação e pelo seu próprio destino.

E isso, justamente, porque não desconheço o sentido atual da geografia humana, na sua integração com as ciências sociais, e porque sempre me repugnaram as afirmativas categóricas de alguns dos mais eminentes mestres que a ensinam.

Depois, se, de um lado, me deixo fascinar pela evolução dessa ciência, de outro lado, cada vez mais, me intrigam os fatores culturais e religiosos da vida de um simples filho das nossas florestas ou de um gênio que o estudou e o compreendeu e o amou como CURT NIMUENDAJÚ.

Pareceu-me, entretanto, que não seria excessivo e extemporâneo repetir aqui a intenção e o gesto, delicadíssimos, por sem dúvida, de alguns pintores primitivos e mesmo modernos, que, traçando, vigorosamente, no primeiro plano de uma tela, esta figura ou as daquele grupo, delinêam, porém, ao fundo dessa tela, uma perspectiva de cidades, de montanhas, de mares, de planícies ou de selvas, capaz de sugerir não só a pátria, o terroir daquelas figuras, mas o campo de ação onde se distinguiram ou onde se anularam.

Pois é evidente que tal intenção e tal gesto poderão esclarecer o que, talvez, seja simbólico, complexo ou simples demais em tôda a composição.

Foi esta a minha intenção e foi êste o meu gesto em relação a CURT NIMUENDAJÚ, ao lhe apreciar, como se verá, a personalidade e a obra, para uma compreensão e justificativa da homenagem que lhe estamos prestando.

NUNES PEREIRA

Belém, Agosto de 1946.

“C'est grâce à lui que je ne perdis jamais, pendant ces affreuses années d'isolement et de souffrance, le contact avec la vie scientifique internationale, grâce à lui que je pensai davantage à l'entre'aide nécessaire qu'à la vaine rancune”.

PAUL RIVET no Necrologio de NILS ERLAND HERBERT NORDENSKIÖLD.

UMA CRIANÇA NASCE EM IENA

Na Alemanha, numa cidade da Thuringia — IENA —, no ano de 1883, nasce uma criança que recebe o nome de CURT UNKEL. Seus pais foram Julius e Maria Unkel.

Da família dessa criança nada posso dizer e bem pouco da vida que ela levou na sua terra natal.

Não há negar-se, porém, que essa criança, com o sangue que seus pais lhe transfundiram, recebeu um patrimônio, de estranho valor subjetivo: — da Natureza que a cercou, desde logo, e, também, dos sucessos políticos, econômicos, artísticos, religiosos que se lhe desenvolveram de roda.

Essa Natureza era a da Thuringia, na Alemanha Central, que, como se sabe, é uma região eleita por extensas e imponentes associações vegetais, denominada, geograficamente, THÜRINGERWALD — Floresta da Thuringia — e, poeticamente, “Coração Verde” da Alemanha.

Dívizada do macisso de Harz, cujo mais elevado cimo é Brocken, onde as feiticeiras de Walpurgis, contam, celebravam suas alucinadas liturgias, essa Floresta, no inverno como na primavera, tinha o esplendor de criações idênticas, nos trópicos.

E tinha os seus mistérios e as suas realidades, inquietadoras, os seus cimos e os seus vales, os seus caminhos e os seus abismos, os seus rios e as suas fontes, as suas penedias e as suas grutas, as suas tradições e a sua história.

De toda a região, geógrafo e poeta, muitas vezes, dizia Elisée Reclus:

“A Thuringia é o país das fábulas; uma vida misteriosa plana sôbre toda a região: as rochas, as fontes e as grutas, as ruínas dos castelos e das abadias, os velhos muros, as grandes arvores isoladas, as nuvens, o vento mesmo, tudo tem a sua lenda”.

E é êle quem nos conta ainda:

Numa das suas cavernas, que não se sabe se era a entrada do inferno ou do purgatório, morava “dame Venus”, cercada de uma coorte de cavaleiros, que seus encantos haviam fascinado.

Tudo isso contrastava, mais além, com as ruínas do castelo de Harzburg, onde o Imperador Henrique IV, ao abandoná-lo, jogara a própria corôa, ruínas incessantemente revolvidas pelos “caçadores de tesouros”, enquanto os poetas iam alí colher tradições da boca dos simples camponeses para as revelar e as eternizar em poêmas.

A meu ver, em nenhuma outra região da Alemanha a imaginação encontrou fontes tão puras e tão generosas, razão por que para ela acorreram místicos como Luthero e poetas como Schiller e pensadores como Heber e dramaturgos como Hauptmann, posteriormente.

De boca em boca e de ouvido em ouvido, com a música dessas fontes, a alma popular deveria ir transmitindo às gerações thuringianas aquelas tradições e aquelas lendas, falando dos habitantes misteriosos da Floresta, das suas cavernas e das suas penedias, como Hauptmann, em suas peças, falava dos trolls, dos mixes, dos gnômos vivendo no fundo das águas, de roda a um sino que se afundára para sempre, caído não se sabe de que arrogante tôrre de abadía...

Essa criança, que foi Curt Unkel, aprendeu no berço natal a amar as florestas com as suas lendas e as suas tradições, os seus sêres e as suas divindades; aprendeu a revolver sob a grama, crespa e suave, as ruínas onde há sempre um tesouro que a Poesia toca

de beleza e a Ciência põe a autenticidade em dúvida...

E' verdade que IENA, na velha Saxe-Weimar, tinha uma Universidade, das mais venerandas da Alemanha, fundada no século XVI; mas crianças que escalam penhascos, saltam sôbre abismos, erram pelos bosques e vales, aprendem a cantar com os pássaros e as fontes, dificilmente trocarão sua liberdade pelas disciplinas que mestres, ásperos e rabujentos, alí, por certo, hão de querer impôr-lhes.

O menino Curt Unkel, por essa razão, talvez, não foi além do curso secundário, como o declararia, anos depois, a Herbert Baldus, seu colega e amigo: “Não gozei de nenhuma espécie de instrução acadêmica”.

E a mim, que o considerava amigo e mestre, um dia em que, com Arthur Cesar Ferreira Reis, lhe propuz dêsse um curso de etnografia a alguns rapazes da Faculdade de Direito do Pará: “Jamais ocupei uma cátedra; tudo o que aprendi acerca de índios foi no meio deles, sôbre uma esteira. Se os rapazes quiserem que lhes ensine o que aprendi, terão de sentar aqui comigo...”

Sua simplicidade de homem de ciência correspondia áquela outra da criança de Iena, que amava as árvores, as fontes, as penedias, porque só entre elas se sentia livre e entre elas se familiarizava com mistérios e realidades, realidades e mistérios que nem sempre são examinados, com generosidade e tolerância, no ambiente universitário, como as crianças examinam os personagens e os episódios das lendas e dos contos ou os hábitos e as plumas dos pássaros.

* * *

A outra parte do patrimônio, recebido por essa criança, lhe adveio do clima intelectual que, por assim dizer, se desfruta em tôdas as cidades da Thuringia, mesmo naquelas dominadas pelas indústrias, clima que se faz sangue, idéia, sentimento, através de

uma bioquímica surpreendente, cujos elementos de vitalidade, d'alma e do corpo, se consubstanciavam no homem, segundo recente conceito de um dos nossos mestres de geografia.

A margem de um tributário do Saale, que refléte Iena, o Illm, Weimar fôra, durante algum tempo, um centro de parade do Espirito, com poetas, filósofos e homens de letras, razão por que a chamavam "Cidade dos Poetas", dando-lhe suntuosidades de Côte — da Belêza e da Ciência —, à maneira de Versailles ou de Vintimille. sem frivolidades amorosas, já se vê.

Porém, àquela criança seduziam mais as viagens, as aventuras através de continentes exóticos, os estudos que naturalistas, como o Príncipe de Wied Newied, Alexandre Humboldt e Ehrenreich, haviam realizado nas Américas, nesse país de selvas misteriosas, animais estranhos e tribos primitivas, que ainda era o Brasil.

Um ano antes de haver nascido Curt Unkel, nasceu a antropogeografia de Ratzel (1882); no entanto, desde 1817, andavam Martius e Spix coletando plantas e animais, estudando costumes e tipos indígenas, decifrando-lhes os idiomas e interpretando-lhes certas concepções econômicas, religiosas e jurídicas.

Para fundar com êsse material, confirma-o Herbert Baldus, a Etnografia brasileira!

Atrás desses naturalistas vieram, a seguir, um príncipe-geógrafo, Adalberto da Prussia, Karl Von Den Steinen, médico-psiquiatra, e Hermann Meyer, que rumaram, de per si, para a bacia do Xingú, fazendo pesquisas etnográficas e etnológicas, devassando cursos e divisores d'águas — todo um mundo, enfim, alucinante e inexplorado, do qual nem os cartógrafos, nem o Governo do Brasil se apercebiam.

Os livros desses sábios deveriam ter substituído, às mãos de Curt Unkel, os que lhe falavam apenas das

coisas e seres, das lendas e histórias da sua Thuringia.

Pois, não era que — para além dos cimos de Brocken e, mais avançadamente, para além dos mares — existia um País onde outra Floresta era tão imponente como a sua e animais e homens tinham as côres, formas e vozes tão deslumbradoras como as que compunham o mundo, absurdo mas risonho, dos trolls, dos míxes e dos gnômos?

Pois, para além dessa Floresta e dessa Montanha, noutras cavernas e noutras fontes, havia a fascinação de outras divindades femininas, havia a atração de escômbros donde era possível arrancar-se não uma corôa de Rei, mas tôda a história, tôda a civilização de povos primitivos?

Então, o jovem de vinte anos, que já era Curt Unkel, deveria ter pensado numa aventura idêntica à dos naturalistas e viajantes, como Hans Staden e Paul Ehrenreich, cheia de episódios de todo gênero, ao fim dos quais poderia mostrar ao sol os mais opulentos e originais tesouros dos seus estudos, das suas observações, das suas pesquisas.

Creio, porém, que — não obstante a unidade dada por Bismarck, então, à Alemanha, numa série de obras que enchem a história do século XIX — correntes imigratórias estavam rumando do seu país para as Américas, para o Brasil, sobretudo.

Ignoro que força incorporou Curt Unkel a essas correntes imigratórias, palpitantes de vida como o próprio Gulf-stream que atravessariam, frementes de esperança como as selvas e as águas que banhavam o litoral do Brasil.

O certo é que a criança de Iena, nascida em 1883, veio para o nosso País.

NO ENCALÇO DAS BANDEIRAS

A paisagem física e, melhor do que essa, a paisagem histórica da velha PIRATININGA denunciavam caminhos que, paradoxalmente, descem para o Mar, e rios que se insinuam pelos Sertões.

Por esses caminhos e por esses rios, remotamente, se haviam lançado as BANDEIRAS, cuja epopéia anda por aí esparsa em poemas líricos e em ensaios históricos, sem que ainda um gênio as pudesse fundir numa das obras mais representativas da formação da nacionalidade brasileira.

E por êles, por esses caminhos e por esses rios, as correntes humanas, vindas de todos os quadrantes, principiavam a devassar florestas e montanhas, num ritmo mais largo, num afan mais objetivo, não à maneira de um Paes Leme em busca de esmeraldas, porém em busca da fecundidade da terra, da valorização das suas fontes de vida, da fundação de cidades industriais, da exploração da sua grandeza material e intelectual.

Ambiência para os surtos mais arrojados do trabalho humano e da investigação científica, São Paulo tem o destino de, pelo tempo a fóra, incentivar o idealismo e a objetivação de tôdas as Bandeiras. . .

E' que alí, como em poucas regiões do Brasil, tôdas as idéias e tôdas as realizações fixam original e inconfundível marca — a da sua universalidade, oriunda, muito embora, da universalidade latina.

A história das migrações deverá considerar, portanto, como nas criaturas, a força de atração de certas individualidades geográficas. A Terra Paulista possui a que lhe é peculiar, razão por que Burmeister já se lhe referia, indiretamente, quando galanteava as suas filhas. . .

A colonização estrangeira (suiço-alemã), no Rio Grande do Sul, por exemplo, segundo Aurelio Porto, começara, mais ou menos em 1818, "com a tentativa

de Nova-Friburgo, Fazenda do Morro-Queimado" e "antes da fundação de São Leopoldo recebeu Nova-Friburgo um forte contingente de colonos alemães, mandados vir pelo Govêrno Imperial".

"A união do primeiro Imperador com a Princeza Leopoldina, de origem germânica, deveria intensificar a corrente imigratória", regista ainda o insigne historiador gaúcho, concluindo: "E o major Shaeffer recebeu, nesse interim, a incumbência especial de angariar nos Estados da Prussia novos contingentes de colonos agricultores".

A política liberal de D. João VI estimulara a imigração de outros colonos para o Brasil, que não fossem só portuguezes, mas suiços e alemães, sendo de 1818 o contrato com Luiz Nicolau Gauchet, que marca, segundo Roberto Simonsen, o início da colonização brasileira pelo elemento estrangeiro. E essa política, conforme a opinião do ilustre economista, tinha "o intuito não só de procurar povoar o país, inoculando-lhe sangue europeu e idéias européas, como também, preparar a abolição da escravidão".

No primeiro século da nossa independência, entre 1821 e 1911, nós poderíamos receber assim cêrca de 131.441 alemães, num total superior ao de russos, inglêses, americanos, que se encaminharam para o país, para o sul, principalmente.

A essa altura a Prussia que — já refeita do desastroso encontro com Napoleão, em Iena — possuía bela porção da Thuringia, talvez não pudesse conter a propaganda a favor da imigração para o Brasil, onde era facil adquirir terras, escravos e riquezas. . .

E vieram alemães da Prussia e da Thuringia, no rumo do sul desse Brasil, como já tinham eles vindo na frota de Martin Afonso.

Mas, no Brasil, o SUL, no fundo, é São Paulo, viria a afirmar Capistrano de Abreu.

E o jovem Curt Unkel se deixou ficar em São Paulo, enquanto a corrente imigratória rumaria mais

para o sul, para Santa Catarina e o Rio Grande, como essas longas teorias de aves migratorias que, nos crepúsculos de inverno, atravessam a linha do horizonte, procurando clima mais doce, mais claro céu, águas, sementes e frutos mais frescos.

Possivelmente, nessa Terra Paulista, logo o seduziu, entre outros atributos, que lhe são típicos, aquele “energetic character full of audacity and enterprise” que o velho d’Orbigny já surpreendera, ao percorrer as Duas Américas.

O deslocamento para a terra-rôxa, no fim do século XIX, de imigrantes, desiludidos, que haviam tentado o garimpo nas Minas Gerais; a introdução de melhoramentos carreadores do progresso, iniciados à sombra do gênio do Barão de Mauá, estavam a impulsionar São Paulo para a frente, sempre para a frente!

Além do mais São Paulo, que “não se interessava tanto pela literatura, o estilo, a eloquência”, na opinião de Ferdinand Denis, São Paulo estava, ao contrário, “apaixonadamente interessado pelas questões econômicas”.

Ora, aquele jovem imigrante não era um espírito contemplativo nem dado a divagações literárias, mas um espírito dinâmico, fundamentalmente objetivo, de vigoroso carácter, como o daqueles Bandeirantes que se internavam nos sertões, preando índios, semeando lavouras, erguendo currais, embatendo contra as cachoeiras e contra os mistérios da Terra Paulista.

Fixou-se, por isso, naquela paisagem.

Que teria feito Curt Unkel, em São Paulo, de 1903 a 1905?

Nada vos sei dizer.

Mas, de 1905 a 1908, ei-lo às voltas com os Guaraní e os Kaingáng, pelo Oéste de São Paulo.

“Conheci o Guaraní (escreve, na Introdução à LENDA DA CRIAÇÃO E JUÍZO FINAL DO MUN-

DO), em 1905, no Oéste de São Paulo e vivi em suas tabas, com poucas interrupções, até 1907, na cidade de Batalha, como um deles”.

Dir-se-ia que o novo ambiente geográfico quasi nada tivera a impôr a esse joven thuringiano, em cujo berço natal, afirmam, o encanto da Natureza “se traduz nos habitantes por uma espécie de alegria e de abandono que a palavra *Gemütlichkeit* exprime”.

E assombra a sua capacidade de adaptação ao sistema de vida daqueles índios, àquela democracia pura, que, segundo Natalicio Gonzales, foi a base da constituição política dos Guaraní, dedicando-se, com raro critério e segurança, ao estudo das suas migrações, de origem mística, muitas vezes.

Daí o receberem-no eles, em 1906, como membro da tribo, dando-lhe um nome guaraní, da horda Apapokuva, a que se ligara.

À criança que vagava pelas brenhas da Thuringia bem lhe assentava o nome de Curt Unkel; mas, assim que se fixara na paisagem física e histórica de Piratininga e seguia no encalço dos velhos Bandeirantes, melhor lhe quadraria, de certo, o nome de Curt NIMUENDAJÚ.

No entanto, a sua ligação aos Guaraní não se fez apenas com o mundo físico, com as figuras daquela humanidade, tão estranha e tão risonha como a das cavernas, das florestas e das fontes da Thuringia.

E vêmo-lo ingressar no Museu Paulista, onde um homem de ciência, Hermann Von Ihering, se orientava uma geração no estudo da Natureza, diante do Problema Nacional do Índio, só aconselhava, porém, uma solução desumana: a do seu extermínio em massa.

Ihering era seu compatriota e foi, possivelmente, quem o atraiu para aquele instituto científico, já então dos mais reputados dentro e fóra do Continente.

No decorrer da vida de Curt Nimuendajú teria êle de privar com grandes personagens que, não raro, lhe contraporiam ao coração e ao cérebro as idéias mais absurdas, as soluções mais repugnantes, no que se referia ao Índio Brasileiro — à sua cultura, à sua religião, à sua sociologia, à sua economia e ao seu direito.

E êle lhes voltaria as costas implacavelmente.

VIVI SEMPRE COMO ÍNDIO

Temos noticias de Curt Nimuendajú, por essa razão, viajando, em 1909, de novo, o Oeste de São Paulo, (como o fizera entre 1905-1908), indo ao sul de Mato-Grosso, às voltas com os **Guaraní, Kaingang, Opayé, Otí e Terena.**

Data desse período — 1905-1908 — sua integração no destino cultural, no destino humano do Índio que, como na América do Norte e nos Países hispano-americanos, ainda é um pária execrado, a quem se deu, como ao trabalhador, uma legislação decorativa, sem nenhum fundamento psicológico e biológico, enquanto continúia chumbado à vergonhosa e aniquiladora existência marginal que se nos oferece à apreciação e à lastima, desde o Brasil Colônia ao chamado Brasil Independente.

Desse período em diante o joven thuringiano passou a viver como índio entre índios...

E aprendeu o Guaraní “certamente com imperfeições (escreve na obra acima citada), porém, sempre melhor do que o fizeram alguns que escreveram mais do que eu sobre a matéria”.

Essa integração não se fez, contudo, à maneira por que cada um de nós se incorpora à multidão, em desfile, ou estática, numa praça pública. Foi mistér que Curt Nimuendajú se iniciasse na religião da horda Apapokuva-Guaraní, através de um cerimonial cujos movimentos e côres nos descreveu admiravelmente, desde a adopção do nome ao batismo.

Ao batismo?

Sim, porque Curt Nimuendajú verificou o batismo, entre aqueles índios, como “uma antiga cerimônia americana, sem mistura alguma de elementos estranhos”, na sua fundamental pureza litúrgica e simbólica.

Antes desse batismo, obrigatório para tôdas as crianças, o pagé, encarregado da cerimônia da iniciação, procurará saber, porém, com extraordinário esforço, “que alma, **ayvú kuó**, teria voltado a juntar-se à horda”.

A alma, escreve Curt Nimuendajú, “póde ter vindo do oriente, onde vive o herói nacional **Nanderyké’ y**, ou bem do zênite, onde está nossa Mãe **Nandesy**, ou do ocidente, onde está o deus da tempestade: **Tupã**”.

“Há tempo estava aquela alma ali, pronta a ser iniciada, e, para o pagé, tôda a dificuldade consiste em recebê-la e identificá-la quando da sua chegada à terra”.

O pagé realiza esse prodígio favorecido pelo canto, “que lhe permite elevar-se até esses lugares e perguntar a cada um desses poderes do céu donde provêm a alma e qual é o seu nome”.

“O pagé necessita desenvolver um esforço sobre-humano para chegar a pôr-se em contacto com o sobrenatural, coisa que só acontece durante o êxtase”.

Êle entôa, sozinho, primeiramente, um canto; acompanham-no, em seguida, pessoas da sua família. Por fim, tôda a horda canta, num côro que, necessariamente, tem de ser ouvido por aquelas divindades, tão distantes sempre, mesmo elas, da sua humanidade!

Depois de igual esforço, da cerimônia tradicional que se lhe segue, em parte adulterada no seu simbolismo e na sua beleza litúrgica pelos missionários, foi que Curt Nimuendajú, também, recebeu o seu nome: **NIMUENDAJÚ**, que, em lingua guaraní, segun-

do seu próprio esclarecimento, quer dizer — o sêr que cria ou faz o seu próprio lar.

Como se vê, esse nome não foi uma criação arbitrária e fantasista de alguém que impuzesse a si mesmo um exotismo impressionante ou um indianismo aristocrático à maneira dos nossos homens do Segundo Império.

E' que, segundo Curt Nimuendajú, "o nome descoberto dessa maneira tem para o guaraní um significado superior ao que póde ter uma simples combinação de sons, que serve para distinguir o seu possuidor. O nome, em certo modo, é, a seus olhos, um pedaço da alma do seu possuidor ou, melhor, se identifica com a pessoa, formando um todo inseparavel".

* * *

Com o seu novo nome Curt Nimuendajú viveu entre os índios como índio.

Poude, desse modo, penetrar-lhes a alma, recolher depoimentos pessoais, os mais íntimos, para a compreensão da nossa psicologia, para o esclarecimento da economia e da sociologia de inúmeras tribos, para a aferição da nossa religiosidade, daquilo que seria algo mais do que qualquer uma das experiências místicas estudadas por Lévy-Bruhl, para caracterização da nossa rebeldia, para fixação do nosso gôsto pela indiscreção e pela licenciosidade...

Outros naturalistas se haviam contentado apenas em obter deles mensurações craneométricas, índices somáticos, grupos sanguíneos.

Curt Nimuendajú, ao contrário, misturava a sua alma com a deles e substituía os deuses terríveis do Whalalla ou os deuses ingênuos da Thuringia pelos deuses apapokuva-guaraní, que cediam mais à exaltação votiva de um canto que à renuncia da vida, a preces, jejuns e cilícios.

Curt Nimuendajú aparecia entre os índios de São Paulo no culminar do seu aniquilamento, que se

iniciára no século XVIII, achando-se, ao fim deste, quasi desertas (asseverava-o ainda há pouco Caio Prado Junior), as aldeias de índios da capitania, dantes tão populosas.

Mas Curt Nimuendajú chegava a tempo de recolher da boca daquela indiada a sua tradição, a sua história, os seus anseios e as suas revoltas.

Trabalhava sozinho, com recursos pessoais mingados mas honestos, ou trabalhava para o Museu Paulista.

Mas... se trabalhasse para uma organização pública, do Brasil, cuja finalidade fosse o estudo e a defesa do Índio?

RONDON — O CIVILIZADOR DO SERTÃO

Aquele tempo, sob a desprezenciosa denominação de **Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas**, Candido Mariano Rondon entrou a organizar arrojadas expedições para estabelecer contacto com os mais longínquos pontos geográficos de Mato-Grosso e do Amazonas.

O nome desse sertanista já deveria ser familiar a Curt Nimuendajú através da larga publicidade que seus feitos sempre provocaram.

E Curt Nimuendajú já deveria estar familiarizado, através de obras de tôda ordem, — livros de viagem, relatórios, memoriais, compêndios da nossa história, roteiros, mapas — com outras expedições organizadas no país por cientistas e militares brasileiros.

E o Problema Nacional do Índio já se lhe apresentara, em tôda a sua extensão e complexidade, desde o dominio teocrático dos Jesuitas, desde os monarcas e legisladores portugueses às bem intencionadas, mas ingênuas, concepções políticas e religiosas dos nossos Parlamentares.

Os horrores praticados pelos primeiros colônos contra o Índio, a luta de alguns Jesuitas contra esses mesmos colônos, em favor do Índio, propriamente não, mas da sua alma, tudo isso deveria ser do conhecimento de Curt Nimuendajú, a quem, seja dito de passagem, não repugnavam a leitura de velhos jornais e a consulta às fontes estatísticas, sabendo que, daquelas trinta missões dos Guaraní, onde, em 1732, junto às margens do Paraná e Uruguay, viviam 141.182 almas, insignificante era o remanescente com que estava lidando, ali em terras paulistas.

Fôrças adversas se haviam abatido sobre a nozsa indiada e a estavam dizimando a trabuco e a miséria, dispersando-lhe as organizações tradicionais e aniquilando-lhe o vigor, a saúde, a originalidade.

A figura de RONDON o deveria ter seduzido, porque esse sertanista se avantajara áqueles militares, com dotes pessoais incomuns: conhecimento das selvas e das águas; desassombro e serenidade, além de certos sentidos que se retemperam nas vicissitudes ou se desmoralizam irremediavelmente.

Lidando com índios, conhecendo-lhes o drama num cenário dia a dia limitado pela ganância dos latifundiários, havia nessa figura de **Civilizador do Sertão**, como o cognominaram, depois, alguma coisa mais do que um sertanista: — um brasileiro capaz de comover-se com êsse drama, arrebatando à cena o personagem que o vivia — o Índio.

Num país de sentimentalismo epidérmico êsse gesto não seria difícil, mas outro tanto se não poderia dizer da obra de defesa, de assistência, de emancipação, de incorporação, posteriormente, ao nosso destino, à nossa evolução.

* * *

Mas RONDON criou o Serviço de Proteção aos Índios.

E logo Curt Nimuendajú passou a ser um dos auxiliares desse Serviço, trabalhando nos postos indígenas, a principiar pelo de Araribá (dos Kaingang), em São Paulo, viajando, estudando, escrevendo, construindo uma obra que abrangia toda a ologênese cultural das tribos que visitou.

Trabalhando com Horta Barbosa, cujo caráter de chefe e dignidade de cidadão sempre salientou, Curt Nimuendajú, entretanto, — incapaz de tolerar passivamente as grandezas e as misérias típicas dos nossos serviços públicos—cada vez mais se integrava na existência daquele irmão — o ÍNDIO—da sua economia, da sua sociologia, da sua religião.

“Frequentei, com predileção, a companhia dos velhos e, de modo especial, a dos pagés (médicos) e me fiz instruir durante horas seguidas sobre os mistérios da velha religião. Até hoje eles se mostram orgulhosos de seu aluno”.

Por esses e outros processos, gradualmente, Curt Nimuendajú foi construindo uma metodologia científica, para seu uso particular, no estudo da cultura material e da cultura espiritual do Índio, sem desprezar, é claro, as lições dos grandes etnólogos que nos visitaram, desde o alvor do século XIX, principalmente Koch Grünberg e Erland Herbert Nordenskiöld, com os quais tão intimamente se correspondeu, sem se descuidar de adquirir a maior documentação histórica, geográfica e cartográfica, possível, acerca das regiões que percorri e das tribos com quem lidava.

Movimentando-se, segura e conscientemente, no campo, tanto quanto se movimentava nas bibliotecas e museus, Curt Nimuendajú, ao entrar para o S. P. I., em 1911, o fez com um espírito de sacrifício, com uma fé, com um idealismo, que não se apontam senão entre raros dos seus colegas de então, entre os mais notáveis etnólogos e os mais notáveis missionários.

E os resultados dessa experiência ressaltam dos mais simples trabalhos daquela época de atividades no S. P. I.

Demais essa experiência o forrou para, deixando São Paulo, em 1913, vir fixar-se na Amazônia — Paraíso e Inferno, indistintos, para todos os naturalistas.

Em São Paulo, tôda a sua atividade, entre índios, no período de 1910 a 1913, estivera subordinada ao S. P. I., viajando o Oêste de São Paulo, a sua região costeira, por Tibagy e Ivahi, no Paraná, e pelo sul de Mato-Grosso, às voltas com os Guaraní e os Kaingàng, Kaiguá, Opayé.

A FASCINAÇÃO DA AMAZÔNIA

Curt Nimuendajú, na paisagem material e cultural de São Paulo, começara a sentir que não só as hordas **Apapokuva-Guaraní** e **Kaingàng**, mas também êle, com o **défrichement** de vastas áreas para a cultura do café, com a construção de pontes, com a industrialização racional do pastoreio, com a irradiação assenhoreadora das indústrias.

Mesmo aos seus mais recuados limites com outros Estados, ainda inexplorados, já estavam estendendo trilhos de via-férreas, para êles se dirigindo lévas e lévas de colônos.

O trabalho se organizava em proporções de apagar nos velhos caminhos os rastros dos Bandeirantes, dos Missionários e dos Naturalistas, e captar as energias das cachoeiras, para movimentar as fábricas.

Mas havia a Amazônia primitiva!

E Curt Nimuendajú cedeu à sua fascinação como cedera à fascinação da Terra Paulista.

A enumeração de povos indígenas, nômades ou aldeados, na área geográfica dessa região, era, por si só, um convite à aventura; mas, para um estudo da nossa etnografia, como Curt Nimuendajú, o

que ela lhe apontava era a possibilidade de completar sua identificação com o Índio, numa paisagem inteiramente diversa da paisagem físico-histórica de São Paulo.

Além disso, se tivera de bater-se, a todo instante, contra os escravizadores do Índio, contra os conspiradores e aniquiladores da sua fé, da sua religião e da sua lei, na Amazônia êle teria de bater-se a favor desse Índio, contra seringalistas, seringueiros, caucheiros, balateiros, madeireiros, castanheiros que se empenhavam em expedições, que açulavam marinhas para o escravizar ou o assassinar ou lhe roubar a mulher e os filhos.

Quer às suas tropelias, quer às suas atitudes pacíficas só correspondiam a bala de rifle 44, invadindo-lhe as terras, saqueando-lhe as malocas, dizem que em **repesália**, repesália em que se excediam mais do que o próprio Índio.

Trabalhando ainda para o S. P. I., Curt Nimuendajú, de 1914 a 1915, visita os **Tembé**, os **Timbira** e os **Urubú**, de modo que, quando publica, em 1914, no **ZEITSCHRIFT FÜR ETHNOLOGIE** a **LENDA DA CRIAÇÃO E JUÍZO FINAL DO MUNDO**, já condena o assassinio de índios **Canela**, estabelecidos em Travessia, no Maranhão, cujo autor fôra absolvido pela Justiça Popular (sic).

Desde o Amazonas à fronteira paraguaia o conceito de que o Índio era um animal e, por isso, nenhum crime havia em assassiná-lo, fôra comprovado por Curt Nimuendajú, frequentemente.

No chamado Ciclo do Ouro Negro, se exacerbava o martirologio do Índio, iniciado desde os primeiros dias da Conquista do Vale Amazônico, mas o civilizado, mesmo o católico, não compreendia que lhe coubesse o direito de defender-se, sequer.

Entre 1915 e 1921, viajando por conta própria ou para o Museu Paraense Emilio Goeldi, Curt Ni-

muendajú estuda, de novo, os **Tembé**, e estuda os **Apaiari**, **Sipaya**, **Arara**, **Kayapó**.

Do citado periodo é esse "**Sagen der Tembé Indianer**", do Pará e do Maranhão, estampado no **ZEITSCHRIFT FÜR ETHNOLOGIE**, cadernos 4 e 5 de 1915.

A paisagem física da Amazônia não o fizera estar, deslumbrado e indeciso, ante as côres, as linhas, os movimentos e o conteúdo de um mundo ainda no seu segundo dia de criação, enquanto todo o Continente Sul-Americano já estava no seu terceiro dia, segundo a opinião de um filósofo-viajante que o visitara.

Mas, ao contrário, logo se lançara a estudar-lhe a indiada, ao impulso dos seus vinte e oito anos, com aquele físico robusto — embora fosse mediana a sua estatura — dominado por um crânio que lhe era um tanto desproporcional, no qual, entretanto, os seus olhos azuis, de velha porcelana de Saxe, só sabiam encarar os indivíduos e as coisas, diretamente, sob sobranceiras espessas, fortemente franzidas.

Assim como se adaptara facilmente ao meio paulista, à sua gente e às suas atividades, Curt Nimuendajú se adaptou ao da Amazônia, arrostando suas hostilidades naturais, fria e desassombradamente.

Amazonizara-se, na expressão sintese, que outro cientista, um botânico, Adolpho Ducke, teve o ensejo de criar, não para explicar uma acomodação apenas ao meio físico, mas uma integração com as suas febres, com as suas provações, com o seu próprio destino.

Isso lhe facultou uma continuidade, uma amplitude, uma segurança no investigar, no estudar, no escrever sobre os temas da ciência que cultuava.

Rapidamente embora, estou situando Curt Nimuendajú em três ambientes geográficos inteiramente opostos; sua personalidade, porém, nesses ambi-

entes é só uma: a de um etnólogo, que soube abrir o seu caminho e soube criar uma obra, como o seu nome guaraní lhe impôz.

OBJETIVOS DE VIAGENS

Não conheço outros, na vida de Curt Nimuendajú, senão os que se relacionavam aos estudos dos nossos indígenas das velhas tribos desaparecidas, das que se acham ameaçadas de extinção e das que ainda não estão sob êses dilêma, por se encontram distantes dos pacificadores, catequistas e regatões.

Abro uma carta do Brasil e, com a relação que Curt Nimuendajú me deu das suas viagens, eu o situo em Mato-Grosso, Paraná, São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Baía, Goiás, Pernambuco, Maranhão, Pará, Amazonas e repúblicas limítrofes.

Viaaja, viaja com pequenas interrupções, voluntárias ou forçadas, ora por conta própria, ora por conta do S. P. I., ora por conta do Museu Nacional, do Museu Paulista, do Museu Paraense, ora para o Museu de Gotenburgo, na Suécia, ora para os Museus de Hamburgo, Dresden, Leipzig, na Alemanha, ora para o Carnegie Institut ou para a Calif. University, na América do Norte.

Em 1934 vai a Europa, depois de tantos anos de viagens pelo interior do Brasil, mas para se avistar com os seus amigos do Museu de Gotenburgo e rever rapidamente a Alemanha.

São quarenta e três anos de viagens, dos quais, seguramente, cerca de quarenta e um em nosso País, que já era seu por naturalização, fazendo escavações, pacificando, coligindo material linguístico, estudando a cultura material e espiritual de inúmeras tribos, procedendo, como topógrafo e cartógrafo que era, a levantamentos das regiões percorridas; ilus-

trando os próprios trabalhos a bico de pena e registrando melodias indígenas. E, por fim, ensinando, tanto no curso que ministrou no Museu Paraense Emilio Goeldi, em três períodos, a cinco alunas, dentre as quais se salientou a senhorita Maria de Lourdes Jovita, a quem devo as informações apenas ao presente estudo — como a quantos o procuravam, estrangeiros e brasileiros, interessados pela etnografia e pela etnologia, pelo folk-lore, pela linguística e pela cartografia.

Uma parte dessas viagens foi realizada com o dinheiro do Brasil; a maior parte, contudo, foi à custa de instituições científicas estrangeiras, que não só as pagaram, mas divulgaram, também, as obras que delas resultaram, em numero, entretanto, que não dá precisamente a média exata do esforço dispendido.

Desas obras nenhuma teve divulgação mesquinha sequer, em lingua portugêsa, embora a reclamasse o agudo e insaciado espírito crítico de Sergio Buarque de Holanda, porque nem Kock Grünberg, — um dos maiores etnólogos que nos visitaram em fins do século XIX e no princípio deste — logrou essa homenagem, com a qual mais nos beneficiariamos, propriamente, do que o renome dele.

Carlos Estevão, amigo de Curt Nimuendajú, e que o ajudou como pôde, à frente do Museu Paraense, fez traduzir "THE APINAYÉ", que Robert Lowie verteu para o inglês. A essa tradução se referia Curt Nimuendajú com simpatia, porque tivera oportunidade de revê-la, ampliá-la mesmo, corrigindo-a e anotando-a.

Deverá estar no cofre do Museu Paraense, onde Carlos Estevão a mandou guardar, com recomendações especiais ao velho Pirá, tesoureiro e bibliotecário da referida instituição, já falecido.

Póde-se dizer, por isso, que nem as suas viagens nem os resultados delas são conhecidos dos estudiosos da etnografia e da etnologia no Brasil, à parte os

raros que estão familiarizados com as revistas estrangeiras especializadas, da Alemanha, da França, da Suécia, da América e até da Argentina (Universidade de Tucuman).

Seus relatórios, por exemplo, apresentados quando era funcionário do S. P. I. — tal o do Rio Negro e seus afluentes — são preciosíssimos e representam, só eles, uma das mais valiosas contribuições desse cientista no campo dos estudos etnológicos e sociais.

Para que se tenha uma ligeira idéia dos objetivos e dos rendimentos (em observações e estudos, na sua maior parte inéditos) dessas viagens, basta que se conheça uma lista do material linguístico, que enumerarei em apenso a êste trabalho.

A coleta de material cerâmico, procedida por Curt Nimuendajú, por exemplo, em Santarém, abriu perspectivas surpreendentes para os estudiosos da cultura material da indiada do Vale do Tapajós, opondo-a à dos ceramistas de Marajó.

Os estudos que se fizeram em Gotenburgo e na América do Norte, graças a Curt Nimuendajú, tiveram significação extraordinária no campo da ologênese cultural, documentando-se, com o referido material, a Arte da gente da Tapajônia.

Essas viagens de Curt Nimuendajú — um período espetacular de cientista ao longo da costa e do interior do Brasil — permitiram que êle, como topógrafo e cartógrafo, enriquecesse as mapotécas da nossa terra com trabalhos de alta valia, que o ligaram a uma figura como a de Jaguaribe de Matos.

Conhecedor profundo da nossa história, no que se relacionava com os aborígenes, os extintos e os que estudou *in loco*, Curt Nimuendajú, de posse de cartas parciais, de apontamentos, de croquis, pôde organizar um mapa, de grandes proporções, para o Museu Paraense, a pedido de Carlos Estevão, mos-

trando as localizações remotas, os deslocamentos, as migrações das tribos indígenas em nosso país.

Em proporções menores fez idêntico trabalho para a Inspeção de Índios do Pará, a pedido de J. M. Malcher, que a chefia, e com a colaboração de Mayr Fortuna, da Comissão de Limites, na parte de cartografia.

Dados históricos, escrupulosamente joeirados, datas elucidativas, pacientemente comprovadas, descrições de outros viajantes, minuciosamente apreciadas, confrontos cuidadosos de velhas cartas e velhos roteiros, puderam garantir a essa obra a solidez e a estrutura de um monumento.

Vi o original no Museu Paraense e vi a cópia do mesmo, feita por Curt Nimuendajú, a pedido de Robert Lowie, para a Universidade de Columbia.

Não sei que destino o Governo do Pará dará a uma obra dessa importância e nem sei quando dela tomará conhecimento o Governo Federal.

Nossas instituições científicas e os que nelas trabalham ainda vivem por aí mal compreendidas e de esmola, sem nenhuma autoridade para falar e muito menos para pedir, porque tudo se lhes promete e pouco ou nada se lhes dá, se se lhes não nega tudo, a pretexto de economias que se escôam mascaradas, depois, por aplicações injustificáveis.

Merecem referência, entre os objetivos dessas viagens, os estudos que Curt Nimuendajú fez sobre o preparo do *Curare* ou *Guré*, pelos Tukuna, nas suas três viagens ao Solimões.

A importância desse veneno, empregado na caça e na defesa pessoal pelos *Tukuna* e por outros índios do Solimões e do Rio Negro, neste momento, está sendo de novo posta em evidência por químicos, fisiologistas e terapêutas, que nele encontraram alcaloides de prodigiosa aplicação no tratamento da paralisia infantil e de certas afecções nervosas ad-

quiridas nos campos de batalha, bem como na técnica das anestésias.

Curt Nimuendajú conseguiu acompanhar, passo a passo, o preparo do famoso veneno e levou para Belém material botânico importantíssimo, vivo e exsicata, tendo realizado um estudo completo, também, da confecção da zarabatana, que é o mais perfeito que conheço.

Grande foi a sua preocupação, nessas viagens, no estudar as plantas e os animais que entram na alimentação e na medicina da indiada, além de se lhes prender à vida social e religiosa.

Era, porém, com melancolia, que se referia à impossibilidade de encontrar os chamados círculos culturais que o Padre Schmidt e outros mestres da etnologia moderna idearam, defendendo o método histórico-cultural.

Sua honestidade, entretanto, levava-o a citar essa concepção etnológica e outras que lhe não fôra dado comprovar, nas palestras que eu com êle entretinha e mesmo no curso ministrado no Museu Paraense, criticando-as, apoiado em suas observações de campo.

Referi aqui, sucintamente embora, os objetivos principais das suas viagens; a lista que aponho a estas páginas dirá mais dos resultados de tantos estudos, de tantas fadigas, de tantos dissabores e mesmo humilhações...

Numa dessas viagens — ao dirigir-se do Madeira ao Tapajós, nas cabeceiras do Mariacauan, através de acidentes topográficos que lhe são próprios — morreu-lhe nos braços, de fadiga, de febre e de fome a índia Tembé, que o vinha acompanhando e se lhe afeiçoára.

Por pouco, antes desse dramático episódio, não o devorou a Floresta Amazônica, misteriosa e bruta, que o fascinára.

OS PARINTINTIN OU O DRAMA DA PACIFICAÇÃO

Salientando-se em correrias, em massacres, em roubos, havia nessa Floresta da Amazônia uma tribo indígena de sombria nomeada: a dos **Parintintin** ou **Kawahiwa** ou **Kawahib**.

Essas correrias, segundo Curt Nimuendajú, se estendiam sobre uma área de 22.000 quilômetros quadrados.

Desde 1797 seu nome e sua fama enchiam de terror não somente os civilizados como outros índios do Tapajós e do Madeira.

Ao ser fundado, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios, o Governo quiz resolver esse problema, do qual estava dependendo a tranquilidade, o trabalho, o progresso de uma vasta região, das mais ricas do Amazonas.

“... mas a execução do projeto, escreve Curt Nimuendajú, não passou além das calçadas de Manáus. Na mesma época, mais ou menos, começou Manoel de Sousa Lobo, proprietário do seringal TRÊS CASAS, no Rio Madeira, a estender as suas explorações para o sul e sudeste, chegando, desta forma, à bacia do Rio Maicy. Como uma guerra aberta com os **Parintintin** teria sido incompatível com a exploração industrial dos seringais, cauchais e castanhais desta zona, Manoel Lobo compreendeu que estava no seu interesse próprio fazer todo o possível para não assanhar os índios, e por isso proibiu que seu pessoal atirasse contra eles sem necessidade iminente, e deixou por diversas vezes presentes nos ranchos abandonados que encontrou. Apesar de tudo isto, já além do Maicy-mirim sofreu um ataque”

Curt Nimuendajú se estende nessa linguagem, fixando os episódios tragi-cômicos da ação do capitão Portatil: “êle fez fiasco, não só porque lhe faltavam recursos necessários, como, principalmente, devido à sua má orientação, mas João Portatil deu provas de uma coragem e dedicação admiráveis”.

Seus trabalhos no Sul, no Pará e no Amazonas, no S. P. I. estavam, a essa altura, recomendando-o a uma empresa como a pacificação dos **Parintintin**. Portanto, em setembro de 1921 o Inspetor Bento Lemos lhe confiou essa pacificação.

“Confesso, escreveu êle, que naquele tempo eu só sabia dos **Parintintin** três coisas: o nome, a sede, aproximadamente, e a péssima fama”.

A narrativa que Curt Nimuendajú faz de todas as peripécias da pacificação, tanto em relatórios como no trabalho publicado no **Journal de la Société des Américanistes**, de Paris, é admirável de simplicidade e de modéstia, dois atributos que lhe notamos sempre não só no traço e nos gestos, como nas palavras e nas próprias idéias.

Expondo-se às taquáras e aos cacêtes dos terríveis **Parintintin**, falando-lhes em lingua geral, empregando todos os recursos da sua experiência com outras tribos, Curt Nimuendajú acabou por lhes entregar às mãos as missângas, as tigélas, os machados, os terçados, os brindes, enfim, que RONDON, através do S. P. I. lhes mandara.

Vejámo-los nesta cena:

“Eles pararam numa distância de 15 passos e, não permitindo que eu me aproximasse mais, pediram que eu lhes atirasse o brinde. Satisfeito o pedido, um deles amarrou uma corôa de penas num pedaço de páu e, jogando êste presente aos meus pés, disse: — Erohó! — leva... Perguntei o que êles desejavam, e prontamente responderam que queriam machados, terçados, facas. Enquanto eu mandava vir de casa essas mercadorias, êles trataram de informar-

se: Se tínhamos vindo subindo ou descendo o rio; para que lado ficava a nossa terra e como se chamava o rio de lá; se os homens da guarnição eram parentes meus; se eu tinha mulher e filhos e de que tamanho êstes eram, etc.. Deram-me mais uma corôa de penas e receberam de nós roupas, linhas de pesca, uma pedra de amolar, enfim um pouco de tudo que havia no Posto. Perguntei, depois, se não estavam com fome e, como respondessem afirmativamente, dei-lhes três tigélas com farinha d'água, farinha de tapioca e açúcar, a primeira dádiva que êles se resolveram a receber diretamente das minhas mãos. Retiraram-se para um pequeno limpo, a uns 20 passos, puzeram as tigélas no chão, dansaram um instante em roda delas e se acocoraram para comer um pouco. Depois vieram de novo para junto de mim, pediram mais isto e aquilo e, enfim, lá pelas 15 horas e 30 minutos, se retiraram carregados de brindes. O grande milagre estava feito: as fêras indomáveis, os antropófagos com os quais só se podia falar pela boca do rifle, tinham pacificamente conversado comigo e trocado presentes durante quási três horas”.

Feito extraordinário êsse! Não o admitiram, porém, os funcionários do S. P. I., que pretendiam resolver a pacificação nas calçadas de Manáus e, solertemente, muitas vezes, se apossavam das opiniões e observações de Curt Nimuendajú, em seus relatórios e officios, para as divulgar como próprias.

Num telegrama mesmo de RONDON a Manoel Lobo, que tenho em meu poder, leio: — “Peço aceitar com bondade mais vivos agradecimentos pelo valioso concurso continuais nos prestar na pacificação índios parintintins chegado a termo com tamanha felicidade de um sonho pt Tão longa campanha cheia peripécias assombrou desde manobra dirigida pelo capitão Portatil acaba finalmente alcançar immorredouro triumpho para gloria do Brasil e socego da população laboriosa Madeira abraço-vos efusivamente

pela vitória final em que colaboraste com sábio patriotismo e amor ao indio. RONDON”.

Nenhuma referência a Curt Nimuendajú!

Os louros da vitória já estavam sendo distribuídos, mas a pacificação entrava numa fase perigosíssima; escasseavam recursos no Posto; a Inspeção, em Manáus, sem verbas, — dependendo de vícios e práticas burocráticas, com uma direção defeituosa, característica do S. P. I., desde a sua origem — deixava no Porto do Maicy, largados à própria sorte, os companheiros de Curt Nimuendajú, que descera com destino a Manáus, para expôr a situação, em termos como êstes: — “A verdadeira pacificação ainda está muito longe e a Inspeção, para levá-la ao fim, tem de contar ainda, durante anos, com despesas avultadas e no primeiro tempo se pôde considerar feliz se conseguir manter o estado atual das coisas, isto é, a suspensão das hostilidades coletivas contra o Posto do Maicy. Querer evitar as excursões guerreiras dos Parintintin contra os outros civilizados seria, na época atual, uma pretensão ridícula”.

E, quanto à proteção, que o S. P. I. presumia estar autorizado a realizar, escrevia Curt Nimuendajú: “Uma proteção pressupõe a superioridade do protetor sobre o protegido. Foi exatamente o que ainda não conseguimos. Ainda podemos, durante anos, receber pacificamente os Parintintin no Posto, distribuindo com êles caixas e caixas de mercadorias, mas a pacificação será uma ilusão enquanto os índios não nos reconhecerem uma autoridade. Todos os esforços devem convergir agora sobre êste ponto”. E aconselhava: “... em primeiro lugar, tanto o encarregado do Posto como os trabalhadores devem se comportar como homens sérios e respeitáveis, evitando as brincadeiras brutais e estúpidas com os índios, especialmente as obscenidades deles, enfim tôda a intimidade demasiada com os homens e mais ainda com as mulheres...”

A Inspetoria não mandava recursos para assistir os índios e tão pouco os trabalhadores, o que foi agravando, dia a dia, a situação, a ponto de Curt Nimuendajú ter de declarar francamente: "Se o S. P. I., no exercício corrente, não dispõe mais de meios necessários para continuar a pacificação dos **Parintintin**, mais conveniente seria suspender esses trabalhos em tempo que seja ainda possível uma retirada em ordem".

Foi nessa situação que Curt Nimuendajú viu toda a obra da pacificação dos **Parintintin**, iniciada por ele de modo tão rápido e promissor.

Manceo de Sousa Lobo — interessado materialmente, é certo, mas com simpatia pelo índio — havia feito fornecimento de mercadorias e de dinheiro ao pessoal do S. P. I.

Mas, isso não era uma solução oficial, à altura de um Serviço que pretendia pacificar, proteger, atrair para a civilização os selvícolas.

O fracasso em perspectiva resultava do hermetismo dos seus regulamentos e portarias, dos preconceitos sociais e filosóficos dos seus dirigentes, tudo isso reunido à incompreensão das finalidades que um Serviço dessa envergadura se traçara, à flutuação dos créditos orçamentários, à complexidade mesmo do problema nacional do índio.

A Inspetoria, é verdade, dependia das distribuições de créditos e quem os autorizava, no sul, não podia admitir o vulto de um plano financeiro que satisfizesse a orientação de auxiliares técnicos, com a visão absoluta desse problema que, tantas vezes, tem ameaçado arrastar consigo a obra grandiosa de **RONDON**.

Obrigado a regressar a Belém, Curt Nimuendajú deixou a pacificação na situação aqui exposta pelas suas próprias palavras, mas de lá estava a orientar, através de cartas, José Garcia, seu auxiliar de confiança, cearense destemido e inteligente, a quem

se deve, por assim dizer, a salvação, em parte, daquela obra de pacificação, ameaçada de desastre total.

Ajudado pelo pessoal do Posto — cuja coragem, dedicação e habilidade puderam conter o arrebatamento da indiada insaciável, sempre à procura de recursos que o Posto lhe prometera — José Garcia, individualmente, evitou um fracasso a mais na história do S. P. I.

A Inspetoria, em Manáus, se limitava a mandar ofícios, como é da técnica burocrática, ludibriando aquele pugilo de brasileiros rústicos, mas empenhados numa obra que, segundo palavras do Inspetor Bento Lemos, "estava preocupando o país inteiro como um dos fatos mais importantes da nossa atualidade histórica".

Curt Nimuendajú escrevia a José Garcia de Belém do Pará, entretanto:

"Cada vez mais admiro sua tenacidade. Eu! — eu não teria aguentado nem a centésima parte disto. Mas não se iluda. Não espere jamais recompensa pelos sacrifícios! Ninguém lhe fará justiça; pelo contrário, você será o bode expiatório e servirá para desculpar os erros dos outros. Por mais que me entristeça a sorte dos meus pobres companheiros não posso ir em socorro deles, porque já me convenci que o maior mal da pacificação foi este de ter sido eu, o alemão, o chefe dela. Portanto, é preciso que eu desapareça. E desapareci". E mais: — "Faça, no entanto, todo o possível para que a sua situação desesperada, com todas as minúcias, chegue ao conhecimento do general Rondon. Talvez... Ele já me fez um dia justiça, a mim".

Mas o drama da pacificação dos **Parintintin**, para Curt Nimuendajú, não estava nessa luta, nessa falta de recursos, nessa falta de direção técnica, nessa duvidosa assistência oficial, nessa incapacidade da Inspetoria de Manáus ir em socorro dos seus dedica-

dos funcionários, ameaçados de massacre, porque os índios, mais dias, menos dias, verificariam a inferioridade de recursos e d'armas até, à falta de munições, dos seus pretensos protetores.

O drama da pacificação foi o aniquilamento, quasi vertiginoso, daqueles índios, robustos e sadios, sequiosos de ingressar numa verdadeira civilização; foi a destruição da sua organização social e econômica, assim que foram intrometidos, intempestivamente, numa sociedade semi-bárbara, que só lhes deu vícios e molestias e acabou por escravizá-los como escravizava castanheiros e seringueiros. Descaracterizou-se aquela gente e quasi nada poude a ciência salvar da sua cultura, conspurcada, deformada, empobrecida no contacto com pseudos civilizados.

Esse o drama da pacificação dos **Parintintin**.

A famosa tribo foi dispersada, entre o negro Marmelos e o claro Machado, dela escapando raros índios, e isto porque se acolheram à sombra de Manoel de Sousa Lobo, à margem dos igarapés, lagos e florestas das propriedades que esse possui no Município de Humaitá, no Rio Madeira, e cujo progresso, nem por isso, alguma coisa lhes ficou a dever.

Curt Nimuendajú tinha arrependimento de haver colaborado numa obra que findou tão dramaticamente. E tinha arrependimento de haver aproveitado, com incrível tática, a rebeldia dos jovens **parintintin**, que percebera vir se avolumando contra os velhos da tribo.

E, quando, por acaso, se lhe referia, era para lamentar, ainda hoje, não se tivesse tirado de tal episódio da vida do S. P. I. uma lição que impedisse o aniquilamento das demais tribos indígenas do Brasil, que estão ameaçadas de pacificação oficial ou religiosa.

Continuando eu as investigações acerca da cultura dos **Parintintin**, que Curt Nimuendajú iniciou,

é claro que não me cabia deixar aqui sem referências os aspectos mais íntimos desse drama.

OBRAS PUBLICADAS E OBRAS INÉDITAS

Não tenho a pretensão de querer dar aqui um estudo substancial, concreto, preciso da obra que Curt Nimuendajú — o **CONSTRUTOR** — realizou nos domínios da etnografia, da etnologia, da sociologia, da economia, da linguística, da religião e da arte.

Todo o meu esforço se dirigiu a espíritos reflexivos e a corações generosos, de modo a compreender-se a finalidade da homenagem que entenderam lhe fosse prestada, através da minha palavra.

Quarenta e três anos de uma existência dedicada a estudos do Índio Brasileiro, quarenta e três anos gastos na edificação de uma obra das proporções da que ele nos legou, e essa obra mesmo, nos seus fundamentos científicos, na sua estrutura cultural, na sua finalidade biológica, sociológica, econômica, religiosa e artística, não podem ser dados à apreciação, panoramicamente, num rápido estudo, com os limitados recursos intelectuais que possuo.

Ricardo Rioja, ao apresentar sua obra monumental sobre Sarmiento, na qual dispendera quatro décadas de pesquisas, de crítica, de exegese, disse que essa obra era um pequeno resultado daquelas quatro décadas de vigílias e de dedicação à História da sua Pátria, ali entergue à posteridade.

Que diria, eu, então, como justificativa à pobreza de minha contribuição ao estudo de uma personalidade como a de Curt Nimuendajú e de uma obra como a que foi interrompida, de súbito, pela morte?

Daí só poder referir-me, em vôo de pássaro, neste momento, às obras publicadas, que possuo, ou li no Museu Paraense, e a duas inéditas que confiou à mi-

nha leitura, nos nossos encontros, quer em Belém, na sua casinha da travessa do Chaco, quer em Manaus.

As obras publicadas, num período de trinta e três anos, atingem ao total de trinta, segundo lista organizada por Curt Nimuendajú e da qual me deu cópia.

A primeira, cronologicamente, foi "*Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Apapokuva-Guaraní*", cujo extraordinário valor, segundo Robert Lowie, há muito foi reconhecido.

É uma obra de mocidade, mas que já revela o notável etnólogo que Curt Nimuendajú viria a ser.

Nela, se grande é o interesse imposto pela parte dedicada à história da tribo e da língua guaraní, não é menor o que se liga à cosmologia, à religião dessa tribo, nos seus fundamentos, nas suas cerimônias, no seu simbolismo.

Esta parte é, para mim, sobretudo, a mais importante.

Alí, quando o autor estuda o fenômeno das migrações dos Guaraní para a inatingível Terra sem Maldade, ele apresenta uma teoria que Metreaux criticou e Nemlin negou, mas que, ambos, não puderam destruir, porque, justamente, lhes faltava aquela integração total com a alma indígena, integração que não se faz nem através da velha maiêutica socrática, nem da exigência católica da confissão, nem da técnica, modernamente em uso, da psicanálise.

Algo mais é necessário: uma profunda compreensão, essa fusão do humano com o humano, que é sem dúvida, a sua própria harmonia.

A intolerância filosófica, a intolerância religiosa, a intolerância científica esbarram contra a alma do índio, que se retrai, contrata e confrange, com mais revolta do que se lhe tocássemos e destruíssemos até qualquer objeto da sua vida material.

Os trabalhos anteriores, dos etnólogos que nós visitaram, não abrangeram fartamente esse assunto da religião desta ou daquela tribo, como o fez Curt Nimuendajú em relação aos fundamentos da dos Apapokuva-Guaraní e da de outros povos que estudou.

Ele deveria ter concluído, como Brinton, que: *The time has long since passed, at least among thinking men, when the religious legends of the lower races were looked upon as trivial fables, or as the inventions of the Father of Lies.*

Assim, aos vinte e quatro anos, pode Curt Nimuendajú trazer essa original contribuição ao estudo das religiões professadas pelos nossos indígenas, enquanto outros, nas vigílias de gabinetes confortáveis, se lançavam à busca dos mitos religiosos relativos às três grandes civilizações do Continente hispano-americano, ou discutiam a influência da cultura sobre a religião ou desta sobre aquela.

Essa poderia ter sido obra dos nossos catequistas, se fossem menos intolerantes, se respeitassem tanto o pensamento religioso dos povos primitivos quanto o próprio, que lhes queriam impôr em nome das suas divindades e dos seus dogmas.

A obra citada foi traduzida e divulgada, em 1944, no idioma espanhol, por Juan Francisco Recalde.

Embora autorizada, essa tradução não agradou a Curt Nimuendajú, conforme protesto endereçado ao tradutor e a Herbert Baldus, e conforme me confessou ele, quando me ofereceu, em 8 de janeiro de 1945, o exemplar que tenho em meu poder.

Curt Nimuendajú se referiu indignado à reedição de graves erros, que seus atuais conhecimentos do Guaraní não podiam admitir, e à deformação do verdadeiro sentido do texto alemão.

Na mesma ocasião me mostrou as numerosas corrigendas que, linha a linha, impuzera àquela tradu-

ção; razão por que me oferecia o referido exemplar, mas me alertando contra aqueles erros.

Ainda agora, ao parar alguns dias em Manaus, vendo sobre minha mesa essa tradução, perguntou se eu não possuía uma cópia das emendas que fizera e, diante da negativa, prometeu que, ao regressar a Belém, a mandaria, para que a apuzesse ao fim da tradução de Recalde.

Recalde, todos o sabem é, na América do Sul, uma das maiores autoridades sobre a língua Guaraní, mas ele mesmo reconhece em Curt Nimuendajú uma autoridade que o desvaneceria aceitando-lhe as deduções.

No mesmo ano de 1914, Curt Nimuendajú publicou no *Zeitschrift für Ethnologie*, de Berlim, os **Vocabulários da Língua Geral do Brasil**, nos dialetos dos **Managé**, do Rio Ararandeuá, dos **Tembé**, do **Acará Pequeno**, e **Turiwara**, do **Acará Grande**. E, em seguida, os **Vocabulários da Língua Pariri** e o **Vocabulário e as lendas dos índios Grênzés**. Em 1915 publicou o **Vocabulário dos Timbiras**, do Maranhão e do Pará.

Após um silêncio de seis anos, em 1921-1922, Curt Nimuendajú publica os **Fragmentos da Religião e Tradição dos Sipaia**, reafirmando sua predileção por êsses aspectos da cultura espiritual da indiada. E, em 1923-1924, publica o **Vocabulário da língua dessa tribo**.

Com Euclides Vale Bentes, em 1923, publica o **Documentos sobre algumas línguas pouco conhecidas do Amazonas**. E, em 1924, o estudo sobre os **Parintintin do Rio Madeira**, estudo que, se a pacificação não se transformasse naquele drama acima referido, seria monumental, porque êsse famoso povo é dos mais originais da Bacia Amazônica, com uma inteligência aprimorada pela movimentadíssima e trágica existência que levava entre o Tapajós e o Madeira, primeiro, depois, entre o Marmelos e o Machado.

Na impossibilidade de ampliar êsse estudo Curt Nimuendajú me incentivou sempre a recolher, no meu contacto com os remanescentes dessa tribo, o material que tenho divulgado e uma grande parte, ainda inédita, dando-me orientações seguras para essa coleta, de modo a caracterizar-se o meu trabalho, como os dele, por um absoluto respeito à verdade e um rigoroso controle das informações e observações que amanhã apareçam sob o meu nome, como um complemento ao seu trabalho.

O trabalho intitulado **As Tribos do Alto Madeira** foi publicado, tal o anterior, em 1925. Como noutros, dados históricos elucidam a extensão, vitalidade ou desaparecimento dos idiomas que utilizavam nas suas relações, enriquecendo-os ou empobrecendo-os.

Die Palinkur Indianer und ihre Nachbarn foi publicado em 1926, na cidade de Gotenburgo, Suécia. É uma obra com as proporções da dedicada aos **Api-nayé**, que veio a publicar em 1939; entretanto, além de nos dar uma visão da cultura material e da organização social e econômica dessa tribo e das que lhe são vizinhas, sua localização e número, também nos dá uma impressão do caráter dos **Palinkur** e divulga várias lendas preciosas, recolhidas ao longo do Rio Uaçá, na Guiana Brasileira, onde se demorou cerca de cinco meses. E, quanto à divisão da tribo em clans, esclareceu que êstes estavam divididos em dois grupos:

- | | |
|-------------------|-----------------|
| 1.º — Waipureyene | 2.º — Wakapuene |
| Kawapukul | Kamohiyune |
| Wasiliene. | Wadáhinyune. |

No arquipélago de Marajó, Curt Nimuendajú estudou a Ilha de Maracá, intitulando o trabalho, publicado a respeito, em Gotha, 1927, **Streifzug zum Maraca**. Em 1929, na *Anthropos*, de Viena, publicou um **Vocabulário da língua Sipaya**; o **Streifzuge in Amazonien**, no *Ethnologischer Anzeiger*. II. Dres-

den; o **Lingua Serénte**, no *Journal de la Société des Americanistes*, de Paris; o **Zur Sprache der Maué Indianer**, no mesmo jornal.

São dessa época outros trabalhos, dos quais saliento — sem esquecer o **Zur Sprache der Kuruáya-Indianer**, de 1930 — o **Besuch bei den Tukuna Indianern**, estampado no *Sondern-Druck aus Ethnologischer Anzeiger*. Bd. III, Heft 4, 1930. S, 188-194, Dresden.

Resultado de sua primeira viagem de pesquisa entre os Tukuna do Solimões, foi não só o Relatório apresentado ao S. P. I., mas a coletânea de episódios referentes aos dois **culture-heros** DYAI e IPI.

Curt Nimuendajú passara uns quinze dias entre os Tukuna.

E escrevia, então: — “In November 1929 verbracht ich 15 Tage unter den Tukuna am Igarapé Preto, Lago Cayari und Igarapé do Caldeirão (linke Zuflüsse des Rio Solimões zwischen Tabatinga und São Paulo de Olivença), Der Stamm zählt auf peruanischen und brasilianischen Gebiet zusammen mindestens noch 3.000 Köpfe er ist schon stark von der Zivilisation beeinflusst, bewahrt aber doch noch viele Elemente seiner alten Kultur”.

O conhecimento de toda a bibliografia concernente a essa tribo sendo inferior ao material que Curt Nimuendajú pode abranger com a sua genial capacidade de pesquisador, é claro que logo entrara a projetar novas visitas e novas observações no seio dos Tukuna, o que só lhe foi possível em 1941-1942, sendo esta terceira viagem brutalmente interrompida em consequência de intrigas promovidas por proprietários do Município de São Paulo de Olivença, que o levaram à prisão até Manaus, onde o encontrei, já livre, depois, no modesto hotel que nos hospedava, mal feito do abatimento moral e do receio de ver destruído todo o material que conseguira e a rica

ng 1927, Tafel 20



original coleção de bastões (**dupa**), escupidos em madeira, que o Museu Paraense lhe encomendara.

Em 1932 apareceu — em separata da Revista de Etnologia, do Instituto de Etnologia, de Tucuman, Argentina — o **Idiomas Indígenas do Brasil**, no qual Curt Nimuendajú estudou a história e a língua dos índios **Takunyapé, Arara, Kayapó**, do médio Xingú; **Kayapó**, da região do Rio São Manoel; **Opayé-chavante, Yuruna**, do Rio Xingú; **Baniwa, Baré, Warekéna, Karautána, Kadaupuritana, Moriwene, Walipéri-Danenäi, Hohodene, Mapanai, Mäulieni, Payualieni, Adyánene, Kumadá-Mnanai, Kapitë-Mnaneí**, essas últimas tribos por êle visitadas no reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés.

À ligação de Curt Nimuendajú ao notável sociólogo americano Robert H. Lowie devemos o aparecimento de **The Gamela Indians**, em 1937; **The dual Organization of the Ramko'Kamekra, The Social Structure of the Ramko'Kamekra, The Association of the Serénte, The Serénte, The Serénte tales**, obras que mereciam, só elas, um estudo circunstanciado, porque se referem áquelas tribos do grupo Gê, pouco conhecidas, cuja organização social foi, para os etnólogos, como bem diria, depois, Robert H. Lowie, "full of surprises".

O **THE APINAYÉ**, a que acima aludí, se eleva, em 1939, além da linha de valores das demais obras de Curt Nimuendajú, pois, estudando a história remota dessa tribo, desde 1635, visitada pelo padre Antonio Vieira e seus companheiros, os Jesuítas Francisco Veloso, Antonio Ribeiro e Manoel Nunes, — se ocupou da religião como se ocupou da estrutura social e econômica dessa tribo. E, pormenorizadamente, descreveu as cerimônias de iniciação, a que se submeteu, também, recebendo o nome de **Tam-gá'ga** e sendo adotado por **Pebre**, velha Mãe do chefe **Matuk**, de grande fama na região Araguaia-Tocantins.

Nessa obra vem cerca de dezesseis mitos e contos e lendas dos mais interessantes e documentais da imaginação e literatura oral dos APINAYÉ.

Essa tribo matrilocal, organizada em moities matrilineal, tem tradições, por exemplo, de grande significação para seu estudo.

Uma delas é a que diz respeito à sucessão de chefe. "In the selection of this functionary moiety and family affiliation are disregarded, if occasionally a son succeeded his father, the reason was that the new incumbent had from infancy developed the necessary qualifications through following his father's example".

* * *

Quanto às obras inéditas posso referir aqui a coletânea de 300 histórias, lendas, contos, etc., na sua maioria escabrosas e obscenas mesmo, que Curt Nimuendajú recolheu entre varias tribos e que pretendia publicar num grosso volume sob o titulo de TRESSENTAS, com as quais documentaria uma das mais preciosas pesquisas, no gênero, da literatura oral dos indios que estudou.

Havendo realizado três viagens ao Solimões, Curt Nimuendajú nos deixou um dos mais completos estudos que conheço sobre indios do Amazonas: OS TUKUNA.

Aqui passando me confiou uma copia, em português, desse trabalho, e me pediu que o lesse com atenção — o que fiz, também, com carinho, desvanecido pela confiança que me estava demonstrando, tanto mais que êle sabia ter eu estado entre esses indios e recolhido lendas e levantado um vocabulário, visitando-os, entre Santa Rita e Tabatinga, justamente na região que percorrera, em outras localizações à margem direita e à margem esquerda do Solimões.

Os TUKUNA é um trabalho de etnologia notável, mas Curt Nimuendajú o queria completar com observações novas e confrontos acurados, na última viagem que fez ao Solimões, para de lá não regressar mais, desgraçadamente.

Achei OS TUKUNA um trabalho minucioso, de uma extraordinária densidade de observações, de fatos e de conclusões, representando, de modo total, a cultura desse povo.

Observando a Curt Nimeundajú que a sua capacidade de investigar como que não me deixara, naquela obra, antever a possibilidade de nem eu próprio, nem outro qualquer conseguir entre aqueles indios a mais simples observação, o mais insignificante fato, disse-me que sua viagem à região habitada por aqueles indios se impunha, justamente, porque ali ainda havia grande material a pesquisar e muitas conclusões a fazer. Demais, nas suas três primeiras viagens, Curt Nimuendajú conseguira fazer levantamentos de, na região habitada pelos seus amigos, zonas fechadas à curiosidade de estranhos e mesmo de elementos da tribo.

Essas zonas tabús guardavam fundamental interesse, por exemplo, para a compreensão da ação religiosa e da ação social de um herói de cultura como DJOÍ, e do comportamento de algumas figuras de místicos da tribo, que encontrará entre aquela gente.

Dirigia-se áquela região, também, porque desajava comprovar certos fenômenos da lingua Tukuna, que Frei Fidelis, o estudioso missionário franciscano, acaba, justamente, de divulgar e que êle não verificara, não obstante, a respeito dessa mesma lingua, houvesse feito um estudo metuculoso, rigorosamente orientado num sentido inteiramente diverso do do franciscano.

Curt Nimuendajú, de fato, já publicara, em 1932, um Vocabulário dessa lingua, fixando as palavras com sinais diacríticos que não eram familiares a Fr.

Fidelis; êsse **Vocabulário** fôra obtido entre o Igarapé Preto e o Igarapé do Caldeirão, no Municipio de São Paulo de Olivença, e o seu trabalho — OS TUKUNA — teria como complemento, mas em estudo à parte, tudo o que se relacionasse com a fonética e a sintáxe dessa lingua ainda tão difundida, mas mal estudada.

Poderia referir-me aqui a vários e preciosos elementos recolhidos e estudados nessa obra por Curt Nimuendajú, tal o que se prende à circumscrição das mulheres, pratica que êle acha talvez só possa ser verificada entre os **Tukuna** do território colombiano, principalmente localizados no Putumayo ou no chamado **trapézio de Leticia**, ou entre os **Tukuna** peruanos; tal o vicio nacional da bebedice, o **único**, segundo Curt Nimuendajú; tal o rigor com que os **Tukuna** respeitam as suas leis de exogâmia e a completa incompreensão que **isso encontra da parte dos civilizados**; tal o intercurso sexual a respeito do qual escreveu delicadissima observação: — “Intercurso sexual antes da festa da puberdade parece até hoje para os **Tukuna** uma coisa inimaginavel; e assim também antigamente o intercurso **premarital**, segundo dizem. Hoje tenho razão de supôr que as matas e as águas silenciosas dos igapós, onde as canoinhas de pesca deslisam, velozes e sem deixar vestígios traidores, encobrem os segredos de muitos namorados cujos pais nada suspeitam”.

Na referida obra Curt Nimuendajú reuniu um número opulentíssimo de lendas e narrativas dos **Tukuna**, acêrca de Djoi e Ipi, os irmãos gêmeos, acêrca de demonios e espíritos das arvores, da lua e das estrelas, fazendo um magnífico paralelo com outras lendas e outras histórias por êle mesmo recolhidas entre outros indios.

Essa obra, segundo me declarou Curt Nimuendajú, deveria ser entregue, depois, ao Museu Nacional, cuja Diretora, Professora Heloisa Alberto Torres, nome dos mais acatados nos domínios da etno-

logia, em nosso país, lhe dera os recursos necessários à realização daquela viagem e dos estudos irremediavelmente malogrados.

Com Carlos Estevão, Jaguaribe de Matos, Braz Dias de Aguiar, foi a Diretora daquele Museu dedicadissima à personalidade e à obra de Curt Nimuendajú, sendo de esperar-se, pois, que ela, à frente do referido estabelecimento científico, lhe ampare os trabalhos publicados e os inéditos, mandando editá-los e divulgá-los.

Na pequena casa da travessa do Chaco, em Belém do Pará, há uma estante onde outras obras (57 manuscritos só sobre linguas indígenas), relatórios, correspondências, cadernos de viagem, **croquis**, estão esperando que as encorporemos ao nosso patrimônio científico. Essas obras são de extraordinário valor para o Brasil, principalmente para a Amazônia. Do seu exame, do seu estudo, talvez possa resultar a instituição social que deverá resolver o secular problema do índio em nosso país.

* * *

Pierre Deffontaines, um mestre de geografia humana, de alta linhagem, que aqui a está ensinando à mocidade brasileira, afirmou que as Florestas trazem em si um elemento de degradação.

Aí está a vida de um grande sábio, cuja obra foi construída com os elementos mais suntuosos e mais simples da Natureza, que as domina em nossa terra.

Acabo de evocar-lhe a figura num tríptico: a Floresta da Thuringia, onde nasceu, a Floresta de Piratininga, onde se iniciou no amor ao Índio e na compreensão da religião dos **Apapokuva-Guaraní**, e a Floresta da Amazônia, sob cujo esplendor acaba de desaparecer.

Os geógrafos nem sempre são felizes nos seus conceitos.

Aí está a réplica que lhes deu Curt Nimuendajú ao se assenhorearem dele a eternidade e a glória.

VIAGENS E TRIBOS NELAS ESTUDADAS

- 1905-08: Oéste de São Paulo — Guaraní, Kaingáng.
1909 : Oéste de São Paulo, Sul de Mato Grosso —
(Mus. Paul.) — Guaraní, Kaingáng.
1910 : Oéste de S. Paulo — (S. P. I.) — Guaraní,
Kaingáng.
1911 : Oéste e região costeira de São Paulo — (S.
P. I.) — Guaraní, Kaingáng.
1912 : Oéste e região costeira de São Paulo — (S.
P. I.) — Guaraní, Kaingáng, Kaiguá.
1913 : Tibagy e Ivahy, Estado do Paraná — (S.
P. I.) — Kaingàng.
1913 : Sul de Mato Grosso — (S. P. I.) — Opayé,
Guaraní, Kaiguá.
1914-15: Gurupy — (S. P. I.) — Tembé, Timbira,
Urubú.
1915 : Jary, Maracá, Parú — Aparáí.
1915-16: Santo Antonio do Prata — Tembé.
1916-19: Xingú, Ibir, Curuá — Sipaya, Yuruna, Ara-
ra, Kayapó.
1920 : Região Costeira do Pará.
1920-21: (Museu Goeldi).
1921 : Oyapock.
1921-23: Madeira — (S. P. I.) — Parintintin, Mura,
Pirahã, Torá, Matanawi.
1922 : Marajó — (Göteb Mus.) — Escavações.
1923: : Tapajós, Mariacauã — (Göteb Mus.) —
Maué, escavações.
: Guyana, Marajó, Caviana — (Göteb. Mus.)
Escavações.
1924 : Tapajós, Trombetas, Yamundá — (Göteb.
Mus.) — Escavações.
: Caviana e vizinhanças — (Göteb. Mus.) —
Escavações.

- 1924 : Caviana e vizinhanças — (Göteb. Mus.) — Escavações.
1925 : Oyapock — (Göteb. Mus.) — Palikur, Ind. do Uaçá, escavações.
1926 : Afluentes do Baixo Madeira, Madeira, Autaz — (Göteb. Mus.) — Mura, Mundurukú, escavações.
: Tocantins — (Göteb. Mus.) — Escavações.
1927 : Rio Negro, Içana, Uaupés — (Göteb. Mus.) — Baniwa, Wanána, Tariána, Tukana, Makú, etc.
1928 : — Escavações.
1928-29: Maranhão, Goiás — (Mus. de Hamburg, Dresden e Leipzig) — Guajajara, Canella e outras tribos de Timbira, Apinay.
1929 : Solimões — Tukuna.
1930 : Goiás, Maranhão — (Mus. de Dresden e Leipzig) — Apinayé, Serénte, Krahó, Canellas.
1931 : Tocantins, Maranhão — Apinayé, Canellas.
1932 : Tocantins — Apinayé.
: Tapajós, Manáus.
1933 : Maranhão — (Carnegie Inst.) — Canelas.
1934 : Europa — (Carnegie Inst.)
: Pernambuco — (Carnegie Inst.) — Fulnio, Sukurú.
1935: Maranhão — (Calif. Univ.) — Canellas.
1936 : Maranhão — (Calif. Univ.) — Canellas.
1937 : Goiás — (Calif. Univ.) — Apinayé, Serénte.
1938-39: Baía, Minas e Espirito Santo — (Calif. Univ.) — Patassó, Kamakã, Masakari, Botocudos, Gorotire.
1939-40: Xingú — (Calif. Univ.) — Gorotire.
1940 : Araguaya — (Mus. Pará e Rio).
1941 : Solimões — (Mus. Pará e Rio) — Tukana.
1942 : — (Mus. Pará e Rio) — Tukana.
1945 : Solimões — (Mus. Pará e Rio) — Tukana.

TRABALHOS PUBLICADOS

- 1) — **Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapokuva-Guaraní** — Zeitschrift für Ethnologie. XLIV. Berlin. 1914.
- 2) — **Vocabulários da Lingua Geral do Brasil nos dialetos dos Manajé do Rio Ararandéua, Tembé do Rio Acará Pequeno e Turiwara do Rio Acará Grande.** — Zeitschrift für Ethnologie. XLIV. Berlin. 1914.
- 3) — **Vokabular der Parairí-Sprache** — Zeitschrift für Ethnologie. XLV. Berlin. 1914.
- 4) — **Vokabular und Sagen der Crengêz-Indianer.** — Zeitschrift für Ethnologie. XLIV. Berlin. 1914.
- 5) — **Vokabular der Timbira von Maranhão und Pará** — Zeitschrift für Ethnologie. XLVIII. Berlin. 1915.
- 6) — **Sagen der Tembé - Indianer** — Zeitschrift für Ethnologie. XLVI. Berlin. 1915.
- 7) — **Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Sipáia - Indianer** — Anthropos. — XVI - XVII. St. Gabriel - Mödling b./Wien. 1921-22.
- 8) — **Zur Sprachen der Sipáia - Indianer** — Anthropos. XVIII. XIX. St. Gabriel Mödling b./Wien. 1923-1924.
- 9) — C. N. et Ed H. do Valle Bentes: **Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazonie** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XV. Paris. 1923.

- 10) — **Os índios Parintintin do Rio Madeira** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XVII. Paris. 1924.
- 11) — **As Tribus do Alto Madeira** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XVII. Paris. 1925.
- 12) — **Die Palinkur-Indianer und ihre Nachbarn** — Göteborg Kungl. Vetenskapsoch Vitterhets — Samhälles Handlingar. XXXI. Göteborg. 1926.
- 13) — **Streifzug zum Maracá** — Petermanns Geographische Mitteilungen. Gotha. 1937.
- 14) — **Wortliste der Sipaya — Sprache** — Anthropos. — XXIV. St. Gabriel Mödling b./Wien. 1929.
- 15) — **Streifzüge in Amazonien** — Ethnologischer Anzeiger. II. Dresden. 1929.
- 16) — **Lingua Serénte** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XXI. 1929.
- 17) — **Zur Sprache der Maué - Indianer** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XXI. Paris. 1929.
- 18) — **Zur Sprache der Kuruáys - Indianer** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XXII. Paris. 1930.
- 19) — **Besuch bei den Tukuna - Indianer.** — Ethnologischer Anzeiger III. Dresden. 1930.
- 20) — **Wortlisten aus Amazonien** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XXIV. Paris. 1932.
- 21) — **A propos des Indiens Kukura du Rio Verde (Brésil)** — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XXIV. 1932.
- 22) — **Idiomas Indígenas del Brasil** — Revista del Instituto de Etnología. II. Tucuman. 1932.
- 23) — C. N. and Robert H. Lowie: **The Dual Organization of the Ramkókamekra (Canella) of Northern Brazil** — American Anthropologist. Vol. 39. 1937.

- 24) — **The Gamella Indians** — Primitive Man X. 1937.
 - 25) — **Die Verwandtschaft des Mundurukuischen mit dem Tupiischen** — Santo Antonio. Provinzzeitung der Franciskaner in Nordbrasilien. 15 Jahrgang. N. 2. Bahia. 1937.
 - 26) — **The Social Structure of the Ramkókamekra (Canella)** — American Anthropologist. Vol. 40. 1938.
 - 27) — C. N. and Robert H. Lowie: **The Associations of the Serénte** — American Anthropologist. Vol. 41. N. 3. 1939.
 - 28) — **The Apinayé** — The Catholic University of America. Anthropological Series. N. 8. Washington. 1939.
 - 29) — **The Serénte.**
 - 30) — **Serénte Tales.**
- NOTA:

Os dois últimos trabalhos foram acrescentados à lista acima, quando C. N. passou por Manaus, em dias de novembro. (1945).

O trabalho n.º 25 aparece na publicação dos Franciscanos com outro trabalho do Padre Albert Kruse, em páginas intituladas: **Lose Blätter von Cururú.**

O Bureau of American Ethnology, do Instituto Smithsonian, publicou este ano (1946), um trabalho de Alfred Métraux e Curt Nimuendajú, intitulado **The Maschacali, Patashó, and Malali Linguistic Families, and the Camacan Linguistic Family.**

MATERIAL LINGÜÍSTICO

Publicado:

1. Apapokuva-Guaraní
2. Amanayé
3. Tembé (a)
4. Turiwára (a)
5. Pariri (a)
6. Kreyé de Bacabal
7. Kreyé de Cajuapara
8. Timbira do Gurupy
9. Apányekra (a)
10. Sipáya
11. Kuniba do Juruá
12. Kawahíb-Tupí
13. Wiraféra-Tupí (a)
14. Parintintin
15. Torá
16. Urupá (a)
17. Múra (a)
18. Pirahã
19. Matanawí
20. Itogapúk
21. Múra (b, c, d)
22. Mundurukú
23. Arikém
24. Pariri (b)
25. Palikur
26. Galibí
27. Aruá
28. Serénte (a)
29. Maué (a, b)
30. Kuruáya
31. Oti
32. Opayé (a)
33. Takunyápe
34. Arára
35. Kayapó
36. Opayé (b)
37. Tukuna
38. Yurúna (a, b)
39. Baniwa
40. Baré
41. Warekéns
42. Kárutána
43. Kdaupuritana (a, b)
44. Moriwene

Manuscrito:

54. Siriana
55. Dyuréwawa
56. Hehénawa
57. Bahúkiwa
58. Cirángo
59. Kótédia
60. Walkino
61. Daxsea
62. Winá
63. Épin-od
64. Húbde-Makú
65. Yehúbde-Makú
66. Dóu-Makú
67. Deukwana
68. Wiraféra-Tupí (b)
69. Itogapúk (b)
70. Makuzi
71. Wapicána
72. Ipuriná
73. Aparai
74. Kokáma
75. Tembé
76. Urupá (b)
78. Turiwára (b)
79. Apinayé
80. Serénte (b)
81. Pukóbye
82. Kre-púmkatéye
83. Apányekra (b)
84. Ramkókamekra
85. Guajajára
86. Karayá
87. Mundurukú (b)
88. Teréna
89. Yvaparé-Botocudo
90. Fulnló
91. Sukurú
92. Parakanã
93. Kamakã
94. Patashó
95. Masakari
96. Makynianuk-Botocudo
97. Aranã-Botocudo
98. Nakrehé-Botocudo

MATERIAL LINGUÍSTICO

Publicado:

- 45. Walpéri-dákenai
- 46. Hohódene
- 47. Mápanai
- 48. Mauliene
- 49. Payuáliene
- 50. Adyánene
- 51. Kúmadá-mñanai
- 52. Kapitê-mñanai
- 53. Gamella

Manuscrito:

- 99. Nakpie-Botocudo
- 100. Munyáyurúgn-Botocudo
- 101. Kápisaná
- 102. Górotire
- 103. Witóto
- 104. Miránya
- 105. Kayuisána
- 106. Akwe-Serente
- 107. Nakpió

NOTA — Os 5 últimos números foram acrescentados por C. N. ao passar por Manáus.

O Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sr. Rodrigo de M. F. Andrade, mandou tomar o material linguístico inédito acima relacionado.

BREVE ESQUEMA DO CURSO DE ETNOLOGIA MINISTRADO POR CURT NIMUENDAJÓ, NO "MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI", DURANTE OS SEGUINTE PERIÓDOS:

11-11-1941 a 24- 2-1942.

21- 1-1943 a 15- 6-1943.

12- 1-1944 a 1- 8-1944.

"Nos dois primeiros períodos foram estudadas as culturas dos seguintes povos, sob os pontos de vista material, econômico e social:

YAMANA	PALINKUR
CHOROTE	TUKUNA
TUPINAMBÁ	POVOS DOS ANDES
GUARANÍ	INCA
BOTOCUDO	AZTECA E MAYA
BORÔRO	PUEBLO
CANELLA (Timbira)	APACHE
APINAYÉ	IROQUÊS
KAYAPÓ	POVOS DA COSTA NO-ROESTE (A. N.)

Percorridas as Américas, da Terra do Fogo ao

Canadá, o terceiro período do curso foi dedicado:

- 1.º — À comparação das várias culturas estudadas.
- 2.º — Às diversas teorias e divisões de ciclos culturais, segundo opinião de Morgan, W. Schmidt, etc.

3.º — Ao estudo da família linguística TUPÍ-GUARANÍ, abrangendo não somente a língua, como noções das tribos pertencentes aos grupos linguísticos Tupí Puro e Tupí Impuro.

O professor Curt Nimuendajú, assim que o permitissem seus trabalhos, pretendia prosseguir suas lições e, provavelmente, o quarto período das mesmas seria dedicado à ampliação dos estudos linguísticos sôbre outras tribos indígenas do Brasil”.

O número de alunos que frequentaram êsse curso foi muito restrito, cinco apenas, a saber: Aída Maranhão, Emilia Dyer, Evalda Xavier Falcão, Lygia Estevão de Oliveira e Maria de Lourdes Jovita, que gentilmente forneceu o presente esquema.